



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 569-589

**Mal-estar docente e não reconhecimento, palavras de professores
de uma escola pública de Niterói**

**Teacher malaise and non-recognition, words of teachers at a
public school in Niterói**

Roberta Duarte dos Santos

Cristiana Carneiro

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

Resumo

O presente artigo aborda o mal-estar docente no trabalho, a partir de depoimentos de professores de uma escola pública de Niterói. Oferece um recorte da pesquisa-extensão Formação de Professores: infância, adolescência e mal-estar na escolarização da Universidade Federal do Rio de Janeiro que realizou rodas de conversa num modelo de pesquisa-intervenção. Voltando-se para o mal-estar articulado ao não reconhecimento do e no trabalho docente analisa, a partir do discurso dos professores, os aspectos primários e secundários na produção do mal-estar. Conclui que esses aspectos são uma subdivisão teórica estratégica, porém na prática se encontram indissociados.

Palavras-chave: professores; mal-estar; trabalho; sofrimento

Abstract

This article addresses teachers' malaise at work, based on testimonies from teachers at a public school in Niterói. It offers an excerpt from the research-extension Teacher Training: childhood, adolescence and malaise in schooling at the Federal University of Rio de Janeiro that held conversation circles in a research-intervention model. Turning to the malaise articulated with the non-recognition of and in the teaching work, it analyzes, from the teachers' discourse, the primary and secondary aspects in the production of malaise. It concludes that these aspects are a strategic theoretical subdivision, but in practice they are inseparable.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Keywords: teachers, malaise, work, suffering.

Introdução

No presente artigo, trazemos um recorte de uma pesquisa de mestrado em articulação com a pesquisa-extensão *Formação de Professores: infância, adolescência e mal-estar na escolarização* realizadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro¹. Fazendo parte do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (NIPIAC), essas iniciativas visaram pesquisar e intervir sobre o mal-estar de educadores que, cotidianamente, se relacionam com crianças e adolescentes da educação pública. A partir de rodas de conversa, nesse trabalho especificamente, nos centraremos no discurso de educadores de uma escola pública estadual fluminense cuja missão principal é a formação de professores.

Buscamos identificar quais as principais dificuldades dos professores e como eles nomeavam seu mal-estar. Também pudemos escutar sobre a interferência desses fatores em suas práticas, em situações envolvendo ameaças em sala de aula, necessidade de pedir transferência, conflitos de ordem política, condições de trabalho insalubres ou com falta de recursos básicos, entre outros. Nesse texto, mais especificamente, objetivamos refletir sobre os aspectos considerados primários e secundários na produção do mal-estar docente. Seguindo o referencial de Esteve (1999), através do discurso de educadores do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, nos perguntamos como esses professores descreviam o não reconhecimento de seu trabalho tanto no cotidiano da escola, como no espaço social mais amplo.

¹ Roberta Duarte dos Santos bolsista CAPES no mestrado do Programa de pós-graduação em psicologia da UFRJ



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os docentes, em geral e não somente nesta escola, estão expostos à uma sobrecarga de trabalho grande, com aulas em vários locais diferentes para complementar a renda mensal, sofrendo com a precariedade de itens básicos para o bom desempenho, como falta de material didático e demais recursos materiais; condições de trabalho, lotação de salas, pouco reconhecimento dos alunos e familiares, além da própria desvalorização social do magistério.

A Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem 2018 (Talis, em inglês), divulgada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em junho de 2019, revelou que, em um universo de 48 países, os professores brasileiros são os que recebem os piores salários. Além de serem os profissionais com o menor poder de compra, também não apresentam diferença salarial ao longo dos anos, ao contrário do cenário de outros países estudados, em que há aumentos salariais como parte de planos de carreira.

A TALIS 2018 entrevistou 2.447 professores da educação básica e 184 diretores de escolas brasileiras. Deste universo, 68% dos diretores afirmaram já ter presenciado situações de *bullying* – dado que corresponde ao dobro identificado pela OCDE em outros países. Os abusos verbais e ameaças são realidade semanal para 10% das escolas brasileiras, enquanto a média mundial é de 3%. A pesquisa relaciona diretamente estes episódios aos níveis de estresse dos docentes e permanência na profissão. Buscando alguma intervenção nesse problema, o MEC² mantém parceria com a OCDE para a promoção de políticas públicas voltadas à melhoria da educação.

Ainda que existam esforços no sentido da promoção de políticas que visem minimizar os efeitos do mal-estar dos professores em seu trabalho, elas parecem parciais e insuficientes diante de uma realidade que iniste em nos mostrar, seja por número de pedidos de licença, seja

2 <https://www.mec.gov.br/>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pela comparação do Brasil com outros países, o quanto esse é um problema de envergadura para enfrentarmos. Sem desconsiderar a importância da discussão mais ampla das políticas, nesse texto nos interessamos em refletir sobre quais mecanismos seriam capazes de auxiliar na construção de práticas e vivências mais prazerosas, reduzindo a incidência de sofrimento no desempenho profissional.

Sobre a pesquisa e extensão

A pesquisa e extensão *Formação de Professores: infância, adolescência e mal-estar na escolarização*, cuja pesquisa de mestrado esteve vinculada, sob o viés da pesquisa qualitativa, fez uso dos seguintes dispositivos metodológicos: revisão bibliográfica e pesquisa-intervenção, esta que consiste em uma tendência das pesquisas participativas que buscam investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa (Aguiar, 2003).

O que se coloca em questão é a construção de uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a ideia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento. A intervenção evidencia que pesquisador/pesquisado, ou seja, sujeito/objeto fazem parte do mesmo processo:

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. É um modo de intervenção, na medida em que recorta o cotidiano em suas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

tarefas, em sua funcionalidade, em sua pragmática - variáveis imprescindíveis à manutenção do campo de trabalho que se configura como eficiente e produtivo no paradigma do mundo moderno (Aguiar e Rocha, 1997, p. 97).

Quanto às rodas de conversa, utilizamos o referencial teórico de Afonso e Abade (2008), que defendem que tal dispositivo opera a partir da articulação entre autores da psicologia, da psicanálise e da educação, visando ofertar um espaço de fala e escuta onde os docentes participantes possam refletir acerca do mal-estar cotidiano, ou seja, acerca de sua relação com o mundo, com o trabalho e com seus projetos de vida. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto em que os sujeitos possam falar e (se) escutar a fim de elaborar seus medos, angústias e impasses.

O lócus de pesquisa escolhido foi o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), que apesar de ser uma instituição de ensino conceituada, está localizada em uma rua perigosa do município de Niterói, conhecida pelos moradores da região como a “rua do perdeu”, o que, certamente, causou certo receio aos pesquisadores para acessar o local. O IEPIC, uma instituição de ensino público secundário estadual que tem como precursora a Escola Normal de Niterói – esta que foi a primeira instituição pública do gênero nas Américas, fundada em 1º de abril de 1835, tornando-a, assim, a mais antiga escola do estado do Rio de Janeiro.

As rodas de conversa com os docentes do IEPIC eram previamente combinadas com a coordenadora escolar. Sempre solicitávamos, com antecedência, para divulgar os dias e horários dos encontros na sala dos professores e no grupo de WhatsApp a fim de que o maior número possível de educadores pudesse comparecer.

A coordenação escolar, no entanto, em alguns momentos, não nos atendia, fazendo com que, diversas vezes, os pesquisadores



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

fossem ao local apenas para marcar uma data para tentar realizar a roda de conversa. Tal desorganização também era perceptível em outros setores da escola. No período em que estivemos no lócus, observamos uma alta rotatividade de diretores, assim como certa falta de comunicação interna. Por exemplo, a nossa pesquisa ocorria na escola desde 2017 e muitos ainda não conheciam o trabalho.

Por não se tratar de uma atividade proposta pelo calendário escolar, a oferta de dia para a realização das rodas de conversa era burocraticamente limitada. Após muito insistirmos nessa ação, a escola possibilitou que a atividade acontecesse às segundas-feiras, de 11h às 12h.

Apesar de a escola ter mais docentes mulheres que homens, em nossa pesquisa não separamos as falas por gênero. Nosso objetivo foi compreender o que estava sendo apontado como mal-estar de forma geral.

Durante o período de pesquisa no IEPIC, de 2017 a 2019, foram realizadas nove rodas de conversas, com uma (1) hora de duração, ofertadas aos professores que desejassem participar da atividade. Os alunos pesquisadores – alunos graduandos da pedagogia e da psicologia e mestrandos da psicologia – atuavam como mediadores nas rodas, sob coordenação da pesquisadora sênior.

Desse modo, acreditamos que a posição do pesquisador nas rodas de conversa seja também a de mediador. Conforme Coutinho e Carneiro (2016) na intervenção, o pesquisador faz a mediação entre a universidade e a escola, o discurso institucional e dos professores, dos professores e dos alunos, possibilitando que eles sejam confrontados com diferentes perspectivas sobre a criança/adolescente e eles mesmos possibilitando assim, que “ o mal-estar na escolarização possa ser mapeado e pensado a partir do entrecruzamento de diversos discursos” (Coutinho e Carneiro, 2016, p.112).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A fim de complementar o nosso material de análise, além das conversas nas rodas, convidamos também dois professores participantes a concederem entrevistas cuja temática concentrou-se em falar sobre as dificuldades enfrentadas no ofício da profissão.

Em relação às entrevistas, acreditamos, como Pereira (2003, p. 23), “[...] que elas nos possibilitam verificar as escolhas pessoais de cada um dos docentes, seus interesses quanto ao magistério; as influências da formação e a autonomia em criar modalidades novas de ensino”.

Todo o material recolhido, conteúdo das rodas de conversas e das entrevistas, foi transcrito e posteriormente analisado em nossas reuniões de pesquisa, que ocorreram semanalmente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dentre os caminhos de análise, destacamos a quantidade de palavras que se repetiram e o que esses profissionais definiram como mal-estar na escola. Quanto ao conteúdo, muitas são as falas que marcam os impasses, as queixas e as impotências vivenciadas no exercício da profissão.

O não reconhecimento *do* e *no* trabalho como fonte de mal-estar

O sofrimento ligado ao trabalho do professor não é um tema de discussão recente. É importante pontuar que a discussão sobre o bem-estar e o mal-estar na docência começa a se intensificar e ter visibilidade no contexto mundial a partir da década de 80. Trabalhos realizados na década de 1990, como o de Jesus (1998), traziam essa abordagem, identificando quais elementos constituintes do indivíduo e da sua identidade estão em questão quando estabelecemos uma discussão sobre o mal-estar na docência. Segundo o autor, o contexto contemporâneo traz elementos de risco para as condições de trabalho. Nossa sociedade contribui para o mal-estar docente através do ritmo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de vida acelerado, ambiente de alta competitividade, instabilidade profissional, percepção de insegurança e falta de controle das situações, necessidade de atender às expectativas, além da falta de adequação das políticas públicas.

Segundo Cordié (1998), o mal-estar presente no campo da educação é entendido como “[...] um fenômeno que envolve aspectos exteriores ao sujeito, como os sociológicos e as condições mesmas do fazer pedagógico e as demandas diárias, os fatores profissionais e, também, a problemática do próprio sujeito, já que "ensinar não é uma atividade neutra (CORDIÉ, 1998, p.44).

A partir do exposto, podemos dizer que há pelo menos duas grandes abordagens sobre o mal-estar de professores, que não são excludentes, mas intrinsecamente relacionadas. Uma mais ligada aos aspectos macrossociais, como políticas públicas, condições do trabalho em geral, e uma mais ligada ao fazer pedagógico especificamente, geralmente envolvendo mais a singularidade do professor e as questões subjetivas num aspecto micropolítico.

Para compreender o problema do mal-estar docente num aspecto mais geral da estrutura do trabalho, segundo Jesus (1998) é necessário situar-se em relação à dinâmica da realização do eu e da identidade como proteção para a saúde mental dos profissionais. Trabalhos teóricos importantes que servem se referencial são os de Dejours (2008), Marchesi (2008) e Silva e Brasil (2010).

Esses autores se debruçam sobre a questão da falta de reconhecimento ser uma das principais causas do mal-estar docente, com uma abordagem quantitativa em algumas delas, além de depoimentos de professores, que compreendiam as formas de reconhecimento do trabalho docente, um pilar para a promoção do bem-estar.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O trabalho de Nogueira; Rodrigues (2013), por exemplo, traz uma abordagem onde o reconhecimento é o assunto central. O trabalho conta com uma análise dividida em três categorias: reconhecimento pelos pares, reconhecimento pelos alunos ou ausência do reconhecimento. A ausência de reconhecimento, de forma mais generalizada, estaria na origem do adoecimento pelo trabalho e acabaria tendo vários efeitos na prática, principalmente uma espécie de desistência em ser educador. Para Mosquera e Stobäus (2007), os professores apresentam desencanto individualizado e coletivo, parte de ambos derivam da situação de encontrar uma sociedade que desvaloriza a Educação. Segundo os autores, parte dos estudos sobre o assunto acabavam revelando uma realidade onde os docentes apresentam além da falta de reconhecimento, cargas exaustivas de trabalho.

Dentro do contexto da psicodinâmica do trabalho, existe uma série de necessidades e desejos a serem atendidos durante o trabalho humano para que ele possa ser considerado como uma verdadeira fonte de realização e satisfação pessoal. No processo de desenvolvimento da identidade dos sujeitos, o trabalho pode se transformar numa fonte de sofrimento que chega a comprometer a saúde dos trabalhadores.

A busca por um vínculo de sentimento e sentido para o trabalho é uma forma de autorreconhecimento, portanto, o eu procura se sentir pertencente àquilo que realiza. O que pode acontecer no caso dos professores é algo mencionado por Dejours (2008) como a falta de percepção pelos outros, pelo entorno das equipes de trabalho e instituições, do investimento que o educador empenhou em seu trabalho. Essa falta de reconhecimento pode dificultar a construção de sentidos para o trabalho, já que o eu não terá a retroalimentação dos outros. O reconhecimento profissional age na própria autoestima do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sujeito; dar aulas pode proporcionar sentimentos positivos, contrabalancear os prós e contras pode trazer mais segurança para o professor durante o exercício de sua docência. Para Dejours (2008), a questão do engajamento subjetivo está atrelada necessariamente à relação de contribuição e retribuição.

Com o tempo, o sofrimento acumulado pode desencadear problemas para a saúde mental do profissional. Em se tratando de ambiente educacional, não é difícil vislumbrar essa questão apresentada para o reconhecimento do trabalho. O reconhecimento redonda na satisfação de contribuir para a coletividade, desempenhando um papel e tendo um sentido social, embora, muitas vezes, esbarre na questão da reatividade do sujeito frente às necessidades reais da organização em que trabalha. Há, ainda, todo um questionamento sobre as mudanças contemporâneas na forma de vivermos em sociedade que impactam o trabalho. Embasados na escola de Frankfurt, que chama a atenção para a expansão da lógica do mercado para a vida, defendem que ao ficarmos sujeitos ao jogo da circulação infinita da mercadoria, perdemos as marcas simbólicas que nos referenciavam e localizavam na cultura do trabalho. Para Dufour (2005, p.13) o valor simbólico das trocas é desmantelado “em proveito do simples e neutro valor monetário da mercadoria (...)”, mostrando-nos como a lógica da mercadoria anda de mãos dadas com uma dessimbolização do mundo.

Buscar um sentido para a própria prática profissional pode ser um caminho para transformar sofrimento em prazer e o reconhecimento social é um fator que pode auxiliar nesse caminho. Mas, é nesse mundo onde impera a lógica da mercadoria e os aportes simbólicos parecem frágeis que os sujeitos terão que construir sentidos. É necessário para uma compatibilização entre as representações simbólicas do sujeito que o ofício desempenhado



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

possua uma relação de sentido com a própria história de vida do trabalhador (Lancman; Sznelwar, 2008).

O sofrimento do indivíduo tem sua origem quando a realidade se confronta com as expectativas do sujeito, onde a atividade laboral é percebida como um fracasso. A falta de alternativas para contornar aquela realidade proporciona um sentimento de impotência e decepção, o sofrimento muitas vezes se dá pela questão da percepção subjetiva, como a pessoa compreende a realidade e sua resiliência em relação ao mundo (DEJOURS, 2008). Para uma elaboração do sofrimento no trabalho, Nogueira; Rodrigues (2013, p.12) apontam duas condições: “a primeira seria quando a organização do trabalho não se opõe a criatividade do sujeito, quando esta se traduz na sensibilidade e na habilidade dele com as máquinas, objetos e pessoas. A segunda condição é quando a contribuição do trabalho é reconhecida pelos outros (Nogueira; Rodrigues, 2013, p.12).

Um dos professores do IEPIC trouxe uma situação onde podemos ver sua habilidade em contornar um problema, no entanto o problema em si, chamado por ele de “estrutural”, indicaria um descaso para com a educação, talvez um não reconhecimento do trabalho do professor.

Sobre esse mal-estar? Então, eu vou começar. O colega falou... Ele colocou dois mal-estares. Os salários e falta de apoio do governo (19/10/2017, grifo nosso). Na verdade, a gente tem diversos problemas. O problema estrutural, por exemplo. Você vê, essa sala mesmo nenhum dos ar-condicionados dela funcionam e nem os ventiladores. Então essa sala, geralmente nesse horário, quando tem essa aula, eu mudo pra uma outra sala onde os alunos não tem aula, então a gente fica mais confortável no dia muito quente. Hoje como é um dia normal eu mantive aqui mesmo (8/10/2018,).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na fala acima, podemos ler o desabafo do professor quanto às suas condições de trabalho. Inserido num ambiente desfavorável - sala de aula com alta temperatura - é o professor, de forma individual, que precisa encontrar saídas para o cotidiano com os alunos. Podemos imaginar o transtorno e o tempo que se leva para deslocar uma turma de, em média, quarenta alunos (média de alunos na referida escola). Talvez solitário diante dos inúmeros desafios declare a “falta de apoio” do governo, demonstrando a insatisfação com aquilo que percebe como uma participação insuficiente pelas autoridades “externas” em seu trabalho. Talvez, ainda, considere o salário baixo para a quantidade de investimento pessoal? O fato é que para esse professor o mal-estar aparece centrado, sobretudo, naquilo que aponta para um não reconhecimento do valor de seu trabalho pela estrutura macrossocial circundante.

Como pudemos ler nessa discussão, há uma reflexão em torno do importante papel do não reconhecimento do trabalho docente como produtor de mal-estar. Esse não reconhecimento pode estar referido às condições mais macro do trabalho, como uma espécie de desvalorização mais generalizada do ofício do professor, que pode ser vista no baixo valor dos salários, numa organização institucional engessada que pode prescindir da criatividade e singularidade do professor, numa cobrança de desempenho que alija o contextual e histórico do trabalho, silenciando suas marcas simbólicas. De outra forma, há o não reconhecimento **no** trabalho, aquele que envolve a vida cotidiana do professor de forma mais imediata, um ambiente onde os pares e a relação com os alunos podem estar intimamente ligados à produção do mal-estar.

Esteve (1999), referência na área, ressalta que a própria interação do professor em sala de aula pode levá-lo a adoecer, pois a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sua ação em sala gera tensões, emoções e sentimentos muitas vezes negativos em relação aos alunos, às condições ambientais e em relação ao próprio contexto escolar. Tanto que, nos dias atuais, é possível constatar um crescente esgotamento, absenteísmo e medicalização dos docentes. Referindo-se à “fatores secundários do mal-estar docente” que seriam mais ligados ao ambiente externo e macropolítico, e à “fatores primários”, aqueles mais ligados ao cotidiano da sala de aula, Esteve (1999) marca uma diferenciação importante para o estudo do mal-estar, ao mesmo tempo que aponta a articulação e a centralidade de ambos fatores como causadores de impacto no trabalho docente.

Os aportes primários e secundários do mal-estar no discurso dos professores do IEPIC

Os professores relataram as variadas dificuldades que dizem respeito às condições internas, isto é, pertencentes ao cotidiano escolar, no relacionamento com os alunos, como, por exemplo, problemas de aprendizagem e de disciplina. De igual modo, citaram as dificuldades advindas das condições externas, que causam transtornos e atingem o corpo docente. Por exemplo, esses profissionais, de forma geral, se sentem desamparados pelo governo, principalmente, pela falta de estrutura e de material de trabalho e também por atuarem em locais insalubres onde são obrigados a permanecer sem nenhum amparo.

Em suas falas, expuseram os entraves em lidar com o que, segundo eles, se difere do que idealizaram durante a formação acadêmica. No cotidiano escolar, o trabalho com os alunos faz emergir angústias devido às dificuldades que muitos apresentam em relação à aprendizagem. Muitos professores afirmaram ter dificuldade com a falta de assimilação de conteúdos por parte dos estudantes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A violência também é uma temática que preocupa os professores. A violência que ocorre ao redor da escola atinge diretamente a prática docente, uma vez que, muitas vezes, as aulas são interrompidas por ordem dos traficantes da região, que atuam como um “poder paralelo”, impondo suas regras e mandos, causando impacto dentro das escolas, principalmente no município de Niterói. Os pesquisados também mencionaram os casos de violência ocasionados pela agressividade dos alunos contra os professores.

Retomando parte da fala já aludida na seção anterior, relemos:

Sobre esse mal-estar? Então, eu vou começar. O colega falou... Ele colocou dois mal-estares. **Os salários e falta de apoio do governo** (19/10/2017, grifo nosso).

Como podemos notar na fala acima, há dois pontos importantes relacionados aos fatores externos: os salários, que impactam diretamente nas condições de vida do professor, e que podem estar relacionados à percepção de “falta de apoio do governo” (sic).

Nesse caso, podemos supor que o mal-estar poderia estar relacionado ao desamparo, condição que os situa em uma espécie de sentimento de abandono frente ao outro. Uma professora vai chamar esse desamparo de “abandono moral”, como podemos ler:

Bom, vamos lá! **O abandono e o descaso que sofre a Educação no nosso Estado.** A escola sofre as consequências desse abandono. Eu acho que cabe a mesma coisa, né? Eu acabo falando as muitas coisas que ela falou. É a vida financeira, é o abandono moral, ... Eu acho que o abandono moral é o pior deles. O abandono moral na sociedade em que estamos vivendo é que leva a todas essas consequências, né? E aí eles colocam o professor como resgatador desse abandono moral. Só que fica muito complicado pra gente lutar contra esse abandono moral, se a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

gente faz parte do grupo que sofre consequências, né (19/10/2017, grifo nosso).

A fala acima revela uma espécie de paradoxo profundamente vivenciado pelos professores. Ao mesmo tempo que o estado e a sociedade em geral contribuem para um abandono moral da educação, é cobrado do professor uma espécie de resgate desse mesmo abandono. O professor como salvador da pátria? Em quais condições?

De outra forma, as condições materiais do trabalho, como o calor enfrentado em sala de aula, condição física que impacta o seu fazer cotidiano, pode estar relacionado, como referido por Freud (1930), ao fator do mal-estar que se dá por conta da fragilidade do corpo, que nos impõe limites. Para esse autor, o corpo seria uma das principais fontes de mal-estar justamente porque, a despeito dos avanços da ciência, ele está fadado ao adoecimento e à morte. Numa lógica dos excessos, da velocidade e da maximização do desempenho, o corpo parece apontar para nosso limite.

Ainda relacionado a questões que envolvem o corpo, podemos ler:

Faço 45 tempos durante uma semana, em sala. Nada de planejamento, fora isso. Então assim, eu durmo pouco, menos do que eu ... do que seria recomendado, que seria 8 horas por noite e isso alguns meses me trouxe um problema, que foram manchas no corpo. [...] foi constatado que eu estava com um problema que, segundo a dermatologista, vinha de um de um **excesso de carga de trabalho**, de estresse, sabe? ... constante e isso prejudica meu trabalho (08/10/2018, grifo nosso).

Como podemos notar, as condições de trabalho e as condições salariais são elencadas como causas de mal-estar advindas por condições externas. Já as manchas no corpo podem apontar para uma espécie de concretização do mal-estar em sintomas físicos. a respeito



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de como o mal-estar atravessa a vida dos docentes e de como a prática de seu ofício pode causar patologias e adoecimento, corporal e psíquico, ocasionando, em alguns casos, o afastamento profissional:

E eu falei um pouco do meu mal-estar quando eu saí da sala de aula, eu não queria sair da sala de aula porque eu pensava assim: “eu vou deixar de ser professora, eu vou ficar numa biblioteca, lá, empoeirada no cantinho. Eu demorei pra entender, que por uma questão de saúde, eu precisava sair. E quando eu saí foi maravilhoso, porque ai eu continuei sendo professora, mas eu ocupei uma outra função. (17/06/19,).

A docente, cuja fala acabamos de ler, vinha de um afastamento por licença de saúde. O receio da mudança parece se relacionar com a perda de marcas identitárias, onde ela poderia se reconhecer e ser reconhecida como professora? Empoeirada e no cantinho nos remete a algo esquecido, fora do campo do olhar. Por mais que seu adoecimento tenha sido atribuído a fatores secundários, como ambiente alergênico, podemos visualizar a articulação desses com os fatores subjetivos, primários, que matizam o seu pertencimento à categoria dos professores.

De outro modo, podemos ler abaixo uma professora claramente apontando para os fatores internos, considerados primários para Esteve (1999):

É muito difícil! Então, o que eu posso dizer disso aqui é que não é só professor, não é só escola... E a gente vê que a cada dia que passa é essa imoralidade vencendo e a gente vai perdendo as forças. Eu, particularmente, trabalho e gosto de ser professora, eu escolhi isso pra minha vida. Mas, acabo fazendo esse trabalho por necessidade. Eu, sinceramente, não acredito mais na recuperação moral da atual sociedade. Então, a situação que a gente vive é essa daí. Então, a escola não está sozinha nisso. E eu me sinto



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

muito desestimulada... Venho, trabalho e tal, procuro fazer da melhor forma possível... Mas, pra mim cada dia que eu venho... Têm dias que eu falo: “Ai, que saco ter que fazer isso”! Não tenho estímulo nenhum pra fazer esse negócio! **Se eu pudesse sumir eu sumia**. Maldita hora que eu fui fazer prova para magistério (19/10/2017, grifo nosso).

Percebemos que o professor se sente fraco diante das dificuldades diárias do seu ofício, quando coloca, claramente, que o sentimento de fraqueza surge de forma avassaladora, “[...] a gente vai perdendo as forças”, frente ao mal-estar causado pelo magistério, demonstrando indignação e arrependimento pela escolha profissional:

Não é atrevido, ele senta, presta atenção, mas não copia, aí eu fiquei surpreso que é um caso, né? É um caso diferenciado do que eu to acostumado, aí no final veio a explicação do porque ele não copia e aí eu descobri, a gente descobriu que ele já vem desde de outra escola, que o pai falou que ele era assim, mas eu não sei se é um problema e eu não sei a avaliar qual o problema dele, o tipo de problema é, fica de **mãos atadas**, como lidar com esse aluno? É uma questão (21/05/2018, grifo nosso).

A expressão “mãos atadas” demonstra, mais uma vez, como a dificuldade do aluno paralisa, de alguma forma, o professor dentro de sala. Tal significante trazido na oficina expressa o quão difícil é conseguir fazer algum movimento estando nessa condição de impedimento, de “mãos atadas”.

Ainda sobre as condições existentes dentro de sala de aula que prejudicam o ofício docente, os pesquisados mencionaram os casos de violência.

Eu queria mencionar, porque não é só uma violência física, tem a violência verbal, tem a violência psicológica, tem o assédio, isso tudo misturado. Tem a questão de drogas, que eu já presenciei



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

drogas, um aluno passando pro outro, foi sacolé de cocaína. Ele estava já sendo monitorado, porque ele era peixe pequeno né, queriam pegar o maior. (17/06/19, grifo nosso).

Para Aguiar e Almeida (2008), a violência é uma das principais condições objetivas no mal-estar dos docentes; a violência escolar é encarada pelos profissionais como uma fonte de ameaça, inibindo o exercício de sua função, tanto no interior da escola, como em seus arredores.

Como pudemos ouvir na fala dos professores, o cotidiano da sala de aulas é cheio de surpresas de todas as ordens. O professor é convocado, então, a reger as diversas situações apesar de todas as dificuldades. Frequentemente, esse exercício diário requer um investimento pessoal e uma *expertise* que parecem ir muito além do que os docentes se sentem capazes em dar. Ainda assim, muitas vezes esses profissionais vão além de seus limites para viabilizar sua tarefa, o que os faz esperar um retorno desse investimento seja dos alunos, da escola ou do país. Esse equilíbrio difícil entre o que se oferece, e o que se recebe em troca, aponta para a perspectiva da psicodinâmica do reconhecimento no trabalho e do trabalho. No trabalho, pois se espera que os pares, os alunos e a instituição escola na qual se trabalha dê sinais de que vê um valor naquilo que o professor realiza e oferece. Do trabalho, pois espera-se também que o mundo social amplo e a própria nação reconheça a importância desse ofício no funcionamento social e na proposta civilizatória.

Conclusão

O mal-estar está atrelado à parte do sofrimento existente no interior de uma escola e pode comprometer a possibilidade de prazer na realização do ato de ensinar por professores. Sabendo que justamente o não reconhecimento do e no trabalho é fonte privilegiada



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de mal-estar, buscamos mapear nas falas dos professores do IEPIC os aportes primários e secundários inferidos a partir do discurso. Concluimos que, se por um lado essa subdivisão (primário-secundário) é uma ferramenta interessante para tornar mais objetivo e preciso o estudo do mal-estar, por outro lado, é apenas uma estratégia teórica, já que na prática a interrelação desses fatores os torna indissolúveis. Um país que não viabiliza certo reconhecimento, a partir de baixos salários, reafirma sua démarche nas paredes sujas e descascadas do refeitório escolar. O abandono moral, como referiu nosso colega do IEPIC, é de todos e de cada um.

Referências

Aguiar, R.M.R (2014). *Violência na escola e sofrimento psíquico de professores: uma análise das práticas profissionais, de orientação psicanalítica*. 2014. 180 f. Tese em Educação. Universidade Católica de Brasília, Brasília.

Aguiar, R.M.R.; Almeida, S. F. C. de. (2008). *Mal-estar na educação: O sofrimento psíquico de professores*. Curitiba: Juruá.

Almeida, S. F. C. de. (2012). Formação continuada de professores: conhecimento e saber na análise clínica das práticas profissionais. *Estilos da clínica*. São Paulo, 17(1), 76-87. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v17i1p76-87>.

Arújo Almeida, R. D. C. (2016). O discurso do analista e a invenção de uma escola em movimento. *Revista Subjetividades*, 10(3), 887-911.

Ardito, V.L.C. (2015). *Psicanálise e Educação: Algumas questões acerca do saber*. 2015, 201f. Dissertação (Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo).

Birman, J. (2008). Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia clínica*, 20(1), 11-26. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100001>.

Carlotto, M. S.; Câmara, S. G. (2007). Preditores da Síndrome de Burnout em professores. *Revista Semestral da Associação Brasileira*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de *Psicologia Escolar e Educacional* (ABRAPE), 11(1), 101-110. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100010>.

Dejours, C. In Lancman, S.; Sznelwar, L. I. (orgs). (2008). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15.

Dufour, D. R. (2005). *A arte de reduzir cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Feyfant, A. (2010). Chargée d'études et de recherche au service de Veille scientifique et technologique. *Dossier d'actualité* n. 54 – mai.

Fleig, M. (2008). Hipóteses sobre a violência contemporânea. *IHU*, junho, n. 298.

Fontelles, C.S.L. *Psicanálise e Universidade: uma análise da produção acadêmica no Brasil*. 201f. 2015. (Tese de Doutorado, École Doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie/ Universidade Federal da Bahia, Salvador/Paris, 2015).

Freud, S. (2004). *Recordar, repetir e elaborar*. Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud, Vol XIV. RJ: Imago.

Freud, S. (2010). *O futuro de uma ilusão*. Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud, Vol XXI. RJ: Imago.

Jesus, R. N (1998). *Bem-Estar dos Professores – Estratégias para Realização e Desenvolvimento Profissional*. Porto – Porto Editora Ltda.

Labrunetti, S. F. (2007) *Produção Científica sobre Psicanálise e Educação em Teses e Dissertações* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas).

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Lajonquière, L. de. (2011) Da formação de educadores e de um ensino da psicanálise na universidade. In: S. F. C. de ALMEIDA; M. C. M Kupfer (Orgs.). *A psicanálise e o trabalho com a criança- sujeito. No avesso do especialista*. Rio de Janeiro: Wak, p. 99-111.

Marchesi, A. (2008) *O bem-estar dos professores*. Competências, emoções e valores. Porto Alegre: Artmed.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Mrech, L. M. (2003). *Psicanálise e Educação: Novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003, p. 135.

Nogueira, S. T. O.; Rodrigues, K. T. (2013). O Lugar do Reconhecimento no Trabalho Docente. *Revista Exitus* - Volume 03 - Número 02, Jul/Dez.

Silva, R. M. S.; Brasil, K. C. T. R. (2010). *O Mal-estar Docente: uma perspectiva histórica a partir de relatos de professores do Ensino Fundamental no Distrito Federal*. (Mestrado em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília).

Recebido: 4/8/2022. Aceito:15/12/2022. Publicado: 1/1/2023.

Autoras:

Roberta Duarte dos Santos

Doutoranda em Psicologia pela UFRRJ, Mestre em Psicologia pela UFRJ, Psicóloga da Policlínica Militar de Niterói. **E-mail:** bertaduarte4@hotmail.com

Cristiana Carneiro

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora permanente do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFRJ, na Linha Subjetividade, Cultura e Clínica.

E-mail: cristianacarneiro13@gmail.com

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

Doutora em educação, mestre em tecnologia educacionnal para a saúde, especialista em psicologia clínica, psicóloga. Professora Adjunta no Instituto de Psicologia da UFF, Professora colaboradora do PPGECH/ UFSCar. **E-mail:** adrianacaldeira@id.uff.br